

ASSOCIAÇÃO ENTRE SOBREPESO MATERNO E ESTADO NUTRICIONAL DE CRIANÇAS MENORES DE 4 ANOS DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA.

Luane Sales de Jesus¹; Gilmar Mercês de Jesus²

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduada em Licenciatura em Educação Física, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: luane_sales@hotmail.com
2. Orientador, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: gmj@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Sobrepeso materno, estado nutricional.

INTRODUÇÃO

O excesso de peso durante a infância é um potencial indicador do risco de obesidade na vida adulta. É relativamente consensual o entendimento sobre as causas multifatoriais da obesidade, admitindo-se que seu desenvolvimento pode ser determinado por um ou pela soma de fatores ambientais, comportamentais, sócio-culturais e genéticos, como o da obesidade materna.

Na infância a criança exerce pouco domínio sobre o local onde vive, principalmente sobre sua alimentação, sofrendo forte influência do estilo de vida dos seus pais e familiares (MONDINI *et al.*, 2007). Nesse sentido, entende-se que o risco da criança tornar-se obesa é maior quando existe frequência de obesidade entre seus pais e familiares.

Marques-Lopes e colaboradores (2004) chamam a atenção para a associação de diferentes graus de parentesco com indicadores de obesidade, apontando a baixa correlação da obesidade entre esposos e tios-sobrinhos e a alta relação entre pais e filhos e entre irmãos, sendo mais elevada em gêmeos, com a probabilidade de os filhos se tornarem obesos quando seus pais são obesos variando de 50% a 80%. Dados de Feira de Santana, apontam para um prevalência de 11,8% de excesso de peso-para-altura entre crianças menores de 4 anos de idade, indicando como alguns dos fatores associados a escolaridade, a primiparidade e o trabalho materno fora de casa aos 4 meses de idade do filho. Contudo, o excesso de peso materno, potencial fator de risco para o sobrepeso infantil, não foi analisado. Assim, pergunta-se: qual a associação entre o sobrepeso materno e o estado nutricional de crianças menores de 4 anos de idade de Feira de Santana, Bahia?

MATERIAL E MÉTODOS

Tipo de Estudo: Este é um estudo observacional com direção temporal transversal (PEREIRA, 2005) baseado nos dados da pesquisa “EFEITOS DO DESMAME SOBRE O HÁBITO ALIMENTAR E O CRESCIMENTO INFANTIL”, que analisou, entre outros aspectos, o estado nutricional de 726 crianças, menores de 4 anos de idade de Feira de Santana, Bahia, e coletou informações sociais, demográficas e antropométricas de 545 mães. A referida pesquisa seguiu as determinações da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovada no CEP, sob o protocolo de nº096/2006, portanto, todos os sujeitos desse estudo, participaram mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Variável dependente: estado nutricional da criança.

Variável independente principal: sobrepeso materno.

Variáveis independentes externas: características da criança (sexo e peso ao nascer); características sócio-demográficas e reprodutivas maternas (idade materna na ocasião do parto, paridade e nível de escolaridade).

Fontes e instrumentos de coleta de dados: Os bancos de dados da pesquisa “EFEITOS DO DESMAME SOBRE O HÁBITO ALIMENTAR E O CRESCIMENTO

INFANTIL” foi fonte de obtenção das informações acerca das variáveis deste estudo, o que o constitui, portanto, como baseado em fonte de dados secundários. Os procedimentos de coleta de dados antropométricos adotados na pesquisa original foram padronizados pelas Orientações Básicas para a Coleta, Processamento e Análise de Dados e Informação em Serviços de Saúde (BRASIL, 2004), com todas as medidas realizadas em triplicata e, a seguir, calculadas as médias aritméticas dos parâmetros observados (peso e estatura).

O IMC das mães foi classificado conforme os pontos sugeridos por Bray (1992), em que valores inferiores a 20 Kg/m² indicam baixo peso, entre 20 e 25 Kg/m² peso normal, de 26 a 30 Kg/m², sobrepeso e superiores a 30 Kg/m², obesidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo revelaram que o sobrepeso entre as crianças foi maior nos filhos de mães com sobrepeso. Isto indica que o sobrepeso e a obesidade maternos foram fatores de risco para o sobrepeso entre as crianças do estudo.

Tabela 5- Avaliação do estado nutricional de crianças menores de 4 anos conforme características ao nascer e sócio-demográficas maternas

Variável	Crianças			RP (IC 95%)	P valor
	Total de crianças	com sobrepeso	%		
Sexo da Criança					
Masculino	296	44	14.9	1.48 (0.95-2.29)	0.08
Feminino	288	29	10.1		
Peso ao nascer					
PAN	556	71	12.8	1.79 (0.46-6.92)	0.56
BPN/PIN	28	2	7.1		
Idade materna					
<20	97	10	10.3		
≥20	487	63	12.9	1.25 (0.67-2.36)	0.47
Paridade					
Primípara	296	48	16.2	1.87 (1.18-2.95)	0.006
Multipara	288	25	8.7		
Escolaridade					
Até fundamental	205	15	7.3		
Nível médio	327	48	14.2	2.01 (1.15-3.49)	0.01
Nível superior	52	10	19.2	2.63 (1.25-5.51)	0.01
Estado nutricional materno					
Sobrepeso/Obesidade	261	42	16.1	1.68 (1.09-2.59)	0.02
Baixo peso/Peso Normal	32 3	31	.6		

Nos dados apresentados as variáveis paridade, escolaridade e estado nutricional materno se associaram com o sobrepeso infantil e alcançaram significância estatística. Embora o sexo não tenha atingido significância estatística ele foi um preditor potencialmente associado com o sobrepeso infantil.

Em relação a paridade, os filhos de mães primíparas apresentaram maior prevalência de sobrepeso, quase 50% a mais que os filhos das múltíparas. Na variável escolaridade constatou-se que as crianças que tem mães com o nível de escolaridade maior apresentaram maior prevalência de sobrepeso. Os dados sobre estado nutricional materno apontam que as crianças que tem mães com sobrepeso/obesidade se revelam com maior sobrepeso.

Similarmente o estudo de Novaes e colaboradores (2009), feito com crianças de escolas públicas e privadas, constatou que as crianças cuja as mães eram obesas apresentaram 6,92 maior vezes de sobrepeso em comparação com as que não tinham mães obesas. Isso acontece devido a diversos fatores, dentre eles estão a genética e aos hábitos alimentares da família e principalmente da mãe.

Nesta pesquisa constatamos que os filhos de mães primíparas apresentaram quase 50% mais sobrepeso que os filhos das mães múltíparas. É importante ressaltar que por ter um único filho, a mãe volta todo o seu cuidado para ele, muitas vezes incentivando-o a comer mais que seu desejo real e sua necessidade. Por outro lado, crianças que tem muitos irmãos, tendem a competir pelo alimento, sobretudo, quando se tratam de famílias de baixa renda.

Isso também foi constatado na pesquisa de Novaes e colaboradores (2009). No referido estudo, notou-se que as crianças unigêntas apresentaram maior probabilidade de sobrepeso.

Nesta pesquisa as crianças do sexo masculino apresentaram maior sobrepeso que o feminino. O resultado dessa pesquisa se mostra diferente de outros encontrados na literatura científica que indicam maior sobrepeso em meninas que em meninos.

CONCLUSÃO

Neste estudo conclui-se que o sobrepeso materno está potencialmente associado ao estado nutricional das crianças, ao perceber que muitos dos filhos de mães obesas também estavam com excesso de peso. O estudo aponta outros fatores que podem estar relacionados ao estado nutricional das crianças tais quais, ser filho unigênito e ser do sexo masculino. Faz-se necessário a determinação tanto de fatores genéticos como ambientais para explicar a prevalência de sobrepeso na infância. É de vital importância a adesão de programas de prevenção e tratamento da obesidade tanto materna quanto infantil, bem como de conscientização dos pais sobre hábitos alimentares saudáveis para a família. É importante a continuidade da investigação sobre esse tema, de forma a serem confirmadas as inferências causais entre o sobrepeso materno e o estado nutricional das crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERVO, Amado Luiz e BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários. 3ª ed. São Paulo, McGraw-Hill, 1983. Normas para publicações da UNESP/Coordenadoria Geral de Bibliotecas e Editora_UNESP. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.

BATISTA FILHO, M.; RISSIN, A. 2003. A transição nutricional no Brasil: tendências regionais e temporais. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19 (Supl.1), p. S181-S191, 2003.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **SISVAN**: orientações básicas para a coleta, processamento, análise de dados e informação em serviços de saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher**. Brasília, DF, 2008.

BRAY, G. A. Pathophysiology of obesity. **The American Journal of Clinical Nutrition**, v. 55 (suppl. 2), p. 488-494, 1992.

Maffeis C, Zaffanello M, Schutz Y. Relationship between physical inactivity and adiposity in prepubertal boys. *J Pediatr*. 1997; 131(2):288-92.

MARQUES_LOPES, Ivã et al. Aspectos genéticos da obesidade. **Revista de Nutrição**, v. 17, n. 3, p. 327-338, Campinas, jul./set., 2004.

MONDINI, Lenise et al. Prevalência de sobrepeso e fatores associados em crianças ingressantes no ensino fundamental em um município da região metropolitana de São Paulo, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, v. 23, n. 8, Rio de Janeiro, ago., 2007.

Oliveira AMA, Cerqueira EMM, Souza JS, Oliveira AC. Sobrepeso e obesidade infantil: influência de fatores biológicos e ambientais em Feira de Santana, BA. *Arq Bras Endocrinol Metab*. 2003;47(2):144-50.

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION Multicentre Growth Reference Study Group (2006). WHO Child Growth Standards: Length/height-for-age, weight-for-age, weight-for-length, weight-for-height and body mass index-for-age: Methods and development. Geneva: World Health Organization; pp 312. Disponível em:<<http://www.who.int/childgrowth/publications/en>>. Acessado em: 10 jan. 2007.